LEITURA:

UM CONCEITO POLISSÊMICO

META

Apresentar concepções de leitura; discutir as condições de legibilidade dos textos; mostrar a distinção entre leitor real e leitor virtual; e mostrar a diferença entre produtividade e criatividade.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: conhecer diferentes concepções de leitura; identificar as condições de legibilidade dos textos; saber projetar, no ato da leitura, o leitor real e o leitor virtual; construir sentidos pela relação entre paráfrase e polissemia.

PRÉ-REQUISITOS

Concepções de texto e discurso; noção de intertextualidade; de hipertexto; conceito de representação social ou de conhecimento de mundo.

INTRODUÇÃO

Não existe um conceito fixo de leitura, mas vários. Conceituaremos a leitura desde sua perspectiva mais ampla até a mais específica, de sorte a oferecer-lhe um painel rico dessa prática que nos acompanha em todos os momentos do dia.

Ler implica ressignificar as coisas do mundo. A ressignificação altera o foco sobre a coisa significada, modificando-a. Por isso, ler é sempre saber que o sentido poderia ser outro.

Você poderá discutir também se a legibilidade dos textos é uma questão interna ao texto ou depende de certas condições de produção da leitura.

Poderá distinguir ainda dois tipos de leitor: o real e o virtual, bem como suas implicações no ato de escrita e/ou leitura de textos.

Finalmente, estabelecerá a diferença entre produtividade e criatividade

(Fonte: http://www.belezanegra.com).

CONCEPÇÕES

O conceito mais genérico de leitura é aquele que a toma como "atribuição de sentidos". Nesse caso, ler pode ser utilizado tanto para a escrita quanto para a oralidade, visto que qualquer uso de linguagem, mesmo não-verbal, nos possibilita atribuir sentidos. De acordo com essa acepção, podemos falar em leitura tanto da fala cotidiana quanto de um texto de Machado de Assis, assim como de um sinal de trânsito ou de um quadro numa exposição.

Leitura pode significar também "concepção". Nesse caso, falamos de "leitura de mundo" e de suas implicações com a ideologia e com a cultura, por meio das representações ou conhecimentos de mundo dos diferentes grupos sociais.

No sentido acadêmico, mais específico e restrito, leitura pode significar a construção de um suporte teórico-metodológico de abordagem de um texto: são as várias leituras de Platão ou de Shakespeare, por exemplo.

Finalmente, em um sentido ainda mais restritivo, em termos de escolaridade, leitura circunscreve-se à alfabetização. Nesse caso, ela assume caráter de estrita aprendizagem formal.

Poderíamos seguir elencando outras concepções de leitura, porém nos ocuparemos apenas das mais relevantes aqui apresentadas. Salientamos também que a *interpretação* e a *compreensão*, que serão oportunamente desenvolvidas na próxima aula, delimitam tais concepções de leitura.

CONCEITO DE LEGIBILIDADE

O que torna um texto legível? Essa questão nos leva a pensar que um texto bem escrito torna-se legível. Entretanto, perguntamos: bem escrito para quem? Legível para quem? Para Orlandi (1988), é a natureza da relação que alguém estabelece com o texto que está na base da caracterização da legibilidade. Além disso, para a autora, a legibilidade é uma questão de "graus", e não de polari-

dades entre legível *versus* ilegível. Em sentido amplo, os graus de legibilidade dependem das condições de produção sócio-históricas.

Com o objetivo de melhor situarmos a questão da legibilidade, devemos admitir primeiramente a existência de dois tipos de leitores que concorrem nesse processo. O primeiro é o leitor virtual ou imaginário constituído no próprio ato da escrita, isto é, aquele que o autor imagina como leitor ideal para o seu texto. Esse leitor tanto pode ser seu "cúmplice" quanto seu "adversário". O segundo é o leitor real, aquele que, de fato, lê o texto, apropriando-se dele.

É errôneo pensar que o leitor real interage com o texto, o que caracterizaria um tipo de relação entre sujeito e objeto. Há, de fato, relação entre o leitor real e outro(s) sujeito(s), como leitor virtual, autor, etc. Assim, a relação da leitura se dá entre homens e, como tal, sua natureza é não apenas social, mas também histórica. O texto é apenas o centro comum de mediação de sentidos entre os participantes.

Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo. Mas não é só esta relação que pode indicar a dinâmica do processo de leitura, há também, segundo Orlandi (1988), as condições de produção que orientam a participação do leitor real nesse processo. Eis algumas delas:

a) relação do texto com o autor: o que o autor quis dizer?

b) relação do texto com outros textos: em que este texto difere ou se assemelha a tal(is) texto(s)?

c) relação do texto com seu referente: o que o texto diz de X?

d) relação do texto com o leitor: o que você entendeu?

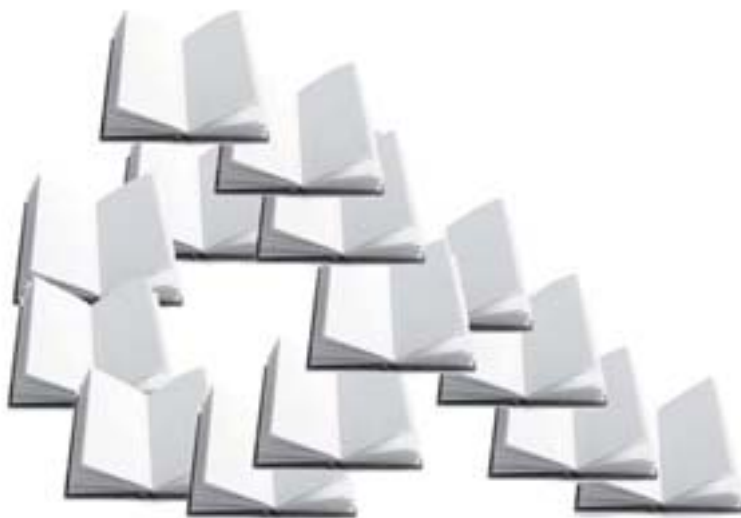
Todos esses componentes das condições de produção da leitura instauram dois processos antagônicos de produção de sentidos: o parafrástico e o polissêmico. O processo parafrástico é o que permite a produção do mesmo sentido sob diferentes formas do dizer. Já o processo polissêmico é aquele que responde pelo fato de que são sempre possíveis sentidos diferentes, múltiplos.

A tensão do *mesmo* com o *diferente* é que constitui o conflito entre o sentido institucionalizado e legitimado e aquilo que, no domínio da polissemia, tem de se institucionalizar para se legitimar. Decorre também dessa tensão a diferença entre *produtividade* e *criatividade*. A primeira tende ao parafrástico e a segunda ao polissêmico.

Resta lembrar ainda outro aspecto igualmente importante na produção da leitura: a incompletude. Lembre-se de que você estudou a incompletude do sujeito e do texto na aula 2 desse manual. Dessa noção derivam o *implícito* e a *intertextualidade*.

Quando lemos, devemos considerar não apenas o que está dito, mas também o implícito: aquilo que não está dito e que também significa. O implícito é recuperável por meio de processos inferenciais, estudados na aula 3.

Há também relações de sentidos entre o que um texto diz e o que os outros textos dizem. Essas relações atestam a intertextualidade. Isso mostra como a leitura é um processo bastante complexo que envolve muitas habilidades e competências do leitor.

(Fonte: http://documentotupiniquim.com).

ATIVIDADES

Leia o conto "Pai contra mãe", de Machado de Assis (disponível no seguinte "link": http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/paicontramae.html) e confronte sua leitura com as de seus colegas em um chat ou postando comentários no fórum de discussões. Procure identificar o leitor virtual do conto e o caráter parafrástico e polissêmico do texto a partir da discussão.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Os textos literários são tendentes a um maior grau de polissemia, porque operam com uma pluralidade de sentidos possíveis. Assim, na leitura do conto de Machado de Assis, você desempenhará o papel de leitor real que interage com o leitor virtual (aquele projetado pelo autor) e com outros sujeitos do enunciado (personagens, por exemplo), de modo a possibilitar a construção de novos sentidos para o texto.

CONCLUSÃO

Saber que leitura é uma atividade multifacetada é compreender que o processo de formação de leitores proficientes é lento e exige de nós uma nova postura sobretudo em relação às potencialidades do discurso e do texto. Aquele que continuar usando o texto como pretexto para ensinar gramática, certamente, não estará participando do processo de formação de leitores e escritores competentes.

RESUMO

Nessa aula, você conheceu algumas concepções de leitura, da mais ampla a mais restrita, passando por duas concepções intermediárias. A mais ampla trata a leitura como "atribuição de sentidos". Há também duas concepções intermediárias, pelas quais a leitura consiste nas "visões de mundo" de diferentes grupos sociais e de aproximações teórico-metodológicas sobre um mesmo texto acadêmico. Finalmente, a concepção mais restrita, segundo a qual a leitura restringe-se à alfabetização.

Outro fator importante no processo da leitura é a legibilidade dos textos, que se define pela relação entre o leitor real, aquele que efetivamente lê o texto, e os outros sujeitos que interagem nesse mesmo processo, como autor, leitor virtual, enunciadores, etc. Você aprendeu que há graus de legibilidade que decorrem dessa relação e também das condições de produção de leitura.

As condições de produção instauram o espaço da historicidade dos textos e sua relação com outros sujeitos e outros textos. Já a relação entre sujeitos e sentidos intertextuais inaugura o espaço do mesmo (processo parafrástico) e do diferente (processo polissêmico), no interior do qual travam-se graus de tensão que resultam na produtividade ou na criatividade do processo de leitura. A produtividade de sentidos tangencia a leitura mais reprodutiva e a criatividade diz respeito à construção de novos sentidos, diferentes daqueles já institucionalizados e legitimados.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, você reconhecerá os limites entre decodificação, interpretação e compreensão, além de desenvolver a capacidade de leitura compreensiva.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.